

## EXCERTOS

### O GATO DE UPPSALA

(...) Eram quase cinco horas da tarde e o sol ainda brilhava. Por uns momentos, o casal adormeceu. Estavam cansados pelo desânimo e pela corrida. Foi então, precisamente nessa altura, mal eles tinham caído num leve sono, que um grande estrondo foi ouvido ressoando pelos ares. Eram estoiros uns a seguir aos outros, que faziam abanar as paredes dos prédios e esses trovões incríveis pareciam rebentar no seu próprio estômago.

Elvis e Agnetta acordaram imediatamente muito assustados. O que é que poderia ser aquilo? E depressa perceberam...

Ao descer a rua que ia dar ao ancoradouro onde o Vasa tinha estado ainda nessa manhã, viram espantados que o grande navio se afastava lentamente e que era ele, eram os seus sessenta e quatro canhões a cuspir fogo que produziam aquele som incrível. Resolveram, nesse instante, correr para a Gamla Stan, donde tinham saído há umas horas. Talvez conseguissem, no meio de toda aquela desordem, confusão e gritaria provocadas por tanto entusiasmo, encontrar as suas trouxas e o cesto que transportara o gato. E chegaram ao mesmo sítio donde tinham saído. Havia ainda toalhas com restos de comida estendidas no chão, havia crianças que dormiam por ali perto das trouxas dos seus pais, havia velhas e velhos sentados na areia seca das dunas. Olhando num relance, Elvis viu primeiro a sua trouxa perto dumas ervas altas, depois viu a trouxa de Agnetta e viu também o cesto do gato.

«Agnetta, Agnetta! As nossas coisas estão ali!», gritou ele a puxar a mulher pela mão e correndo ainda na direcção das ervas. A primeira coisa em que agarrou foi no cesto. Elvis pegou nele, sentiu-o pesado e com o

coração na boca, a respiração difícil, querendo mas não querendo, olhou lá para dentro.

O seu gato dormia profundamente no fundo do cesto, quentinho, enrolado por cima da palha. Muito quentinho!

«Agnetta! O nosso gato, o nosso gatinho está aqui a dormir. Está aqui no cesto!» E Agnetta riu-se muito e cantou e dançou e todo o cansaço lhe desapareceu nesse instante. Estavam felizes.

Então Elvis pegou no cesto, pô-lo nas suas costas como de costume, deu a mão a Agnetta e voltaram-se para o mar. Viram então nitidamente que o grande Vasa estava a

ser rebocado ao longo da ilha, na direcção do Sul. Tinha partido sem eles.

Preparava-se para navegar por várias ilhas do arquipélago e, como era a primeira viagem, levava muitas famílias ansiosas por viver um tempo inesquecível das suas vidas num tão belo e espaçoso navio. Tal não voltaria, com certeza, a acontecer.

Quando passou em frente do palácio real Tre Kronor, uma salva de tiros foi lançada de cada um dos seus sessenta e quatro canhões; o comandante mandou içar as quatro principais velas, que começaram a inchar com o vento ligeiro que soprava de sudoeste. A bandeira azul com a cruz amarela e as três coroas douradas, essa bandeira mais alta que esvoaçava com a aragem, podia ser vista de longe.

O Vasa, saudado pela multidão, o magnífico e imenso Vasa, navegava brandamente para a direcção do Sul, onde o lago encontra o mar.

Elvis, Agnetta e o seu querido gato faziam agora parte do incontável número de pessoas que saudavam com orgulho aquele navio e era mesmo isso que faziam, esquecidos já do seu sonho de terem podido embarcar naquela primeira viagem.

Se o gato não tivesse fugido...

De repente,

já a luz do sol enfraquecia por detrás da humidade

do mar,

uma nuvem pesada ensombrou o ar e escureceu

por momentos

o próximo horizonte.

Uma rajada de vento

soprou com violência.

Inesperadamente,

o Vasa balouçou,

Incontrolável, indomável.

Imperfeito.

Depois,

inclinou-se sobre o seu costado esquerdo.

Toneladas de água entraram em golfadas pelas escotilhas

dos canhões e em menos de dez minutos, a cem

metros apenas das margens da ilha de Beckholmen, o

grande, o poderoso Vasa, desapareceu nas águas calmas

do porto de Estocolmo.

(...)